

*Planta e seus Usos Tradicionais – Freguesia Fajã da Ovelha*  
**de Fátima de Freitas e Maria da Graça Mateus**

apresentação<sup>1</sup> de Thierry Proença dos Santos

Universidade da Madeira

Não sendo especialista de Botânica, nem entendido em Etnobotânica, mas tão-só um estudioso atento e interessado em todos os aspetos que enformam a Cultura Madeirense, nela incluindo a História regional e local, usos e costumes insulares, particularismos da língua portuguesa falada e escrita no Arquipélago, a literatura que aqui se produz, quer a institucional, quer a popular, assenti, já algumas vezes, falar de livros cuja informação e conceção cabem neste universo e com os quais sempre muito aprendi.

Neste enquadramento, e tendo sido convidado por uma das autoras, a Eng.<sup>a</sup> Maria da Graça Mateus, com a aquiescência da editora, o Parque Natural da Madeira, não tive dúvidas em aceitar este convite que muito me honra, até pelo conhecimento que já tinha do trabalho e da qualidade humana e técnica das autoras, como de toda a equipa do Parque Natural da Madeira, dirigida pelo Dr. Paulo Oliveira. Ainda assim, o outro motivo que me levou a intervir nesta sessão foi naturalmente o de me convencer que este tema também me diz respeito, visto que de «cultura e tradições populares» da Madeira também se trata... Pois, essa cultura popular, que identificamos com «folclore» (na sua aceção etimológica, ‘saberes do povo’), define-se como a equação que articula um território, uma população e as suas práticas quotidianas, ou seja, um conjunto de valores, saberes e fazeres inscrito numa continuidade temporal em constante adaptação às sucessivas realidades.

*Plantas e seus Usos Tradicionais na Freguesia da Fajã da Ovelha* é, à primeira vista, um esmerado catálogo, de agradável aspeto gráfico, de fácil manuseamento, tão prático como otimizado para o trabalho de campo. Não só a publicação oferece 15

---

<sup>1</sup> Apresentada a 6 de fevereiro de 2014 pelas 17 h, no auditório do Edifício Golden Gate.

páginas com linhas para notas pessoais como também a informação nela contida assenta num papel *couché*, garante de imagens nítidas e resistente à humidade. Concebido num grafismo, ora visual, ora verbal, sóbrio, objetivo e pertinente, perfeitamente adequado à matéria tratada e à função a que se destina, este volume apresenta-se como um repertório de plantas, estruturado segundo critérios que enfocam, num plano horizontal, lado a lado, o objeto mostrado e o objeto descrito, e num plano vertical, de cima para baixo, a denominação vernácula, a nomenclatura e classificação científica e, por fim, o seu uso tradicional.

Assim, do ponto de vista do dispositivo de leitura, o que torna este catálogo de plantas uma útil obra de consulta e de registo, bem como um sugestivo livro de lazer, é o modo como encena a informação relevante, composto por uma espécie de tabela, dividida em unidades básicas, em blocos de texto e de imagem (ficha técnica, fotografias e registos de usos tradicionais), entre os quais se estabelecem elos de complementaridade.

O presente livro vem no seguimento de *Plantas e Usos Tradicionais nas Memórias de Hoje*, na freguesia da Ilha, de Miguel Menezes de Sequeira, Suzana Fontinha, Fátima de Freitas, Licínia Ramos e Maria da Graça Mateus, lançado em 2006 e modelo inaugurador da linha gráfica e concetual desta coleção editorial.

Do ponto de vista do *design* editorial, passamos da identidade visual representada por folhas de grama em fundo verde para uma outra, caracterizada por espigas de trigo, com fundo em amarelo-torrado, o que confere a cada uma das monografias a sua unidade característica. Note-se, ainda, que a presente publicação ganha novas valências: uma secção dedicada às orações proferidas nos rituais de cura e, como já referi, um espaço previsto para apontamentos pessoais.

Ambas as publicações pretendem cartografar, do ponto de vista das plantas de que se revestem e dos usos que a população lhes dá, uma freguesia rural da Madeira. Primeiro, foi a freguesia da Ilha (no concelho de Santana), agora, é a freguesia da Fajã da Ovelha (no concelho de Calheta). Dada a diferença de área entre as duas freguesias, não admira que passemos de um catálogo de 95 páginas, patenteando 77 espécies vegetais, para um de 200 páginas, apresentado 152 espécies. As referidas freguesias reforçam a validade e qualidade desta abordagem, porque se trata de meios ambientes

definidos pela ruralidade, ou seja, quanto mais rural, mais rica é a safra junto desses homens e mulheres que temos de considerar como arquivos vivos de memórias e usos, como veículos de saberes entre, por exemplo, o Campo e a Cidade, a Venezuela e a Madeira, homens e mulheres, confiantes, que se revelaram muito colaborantes com as autoras...

Essa atitude de abertura e diálogo por parte dos camponeses nem sempre foi, ao que parece, de regra. De acordo com Sílvia Gilberta Gomes, na sua dissertação de Mestrado sobre a obra do Visconde do Porto da Cruz (Universidade da Madeira, 2013), os folcloristas madeirenses mais conceituados da primeira metade do séc. XX sentiram dificuldade em encontrar interlocutores disponíveis para falarem sobre as suas tradições, porque, da parte dos populares, prevaleciam o muro do silêncio e o abismo da desconfiança (Gomes, 2013: 54-55).

Não há dúvida de que as autoras de *Plantas e seus Usos Tradicionais na Freguesia de Fajã da Ovelha* eram pessoas indicadas para levar a cabo um trabalho desta natureza. Sabem do que falam e referem com respeito e gratidão aqueles homens e mulheres que colaboraram nas entrevistas e que, a par da paisagem grandiloquente que a Natureza oferece e que o Madeirense moldou, constituem o espírito do lugar. Este levantamento representa tanto a valorização do trabalho coletivo, a julgar pelo modo discreto como as autoras se inscrevem na capa, como uma homenagem a todos os que fizeram, fazem e farão a freguesia em apreço, o que não admira se tivermos em conta que as plantas aqui recensadas derivam de uma aprendizagem da paisagem por sucessivas gerações de fajã-ovelhenses.

Bem decerto, o levantamento sistemático das plantas e seus usos tradicionais não consiste apenas numa rápida sondagem da cobertura vegetal existente na freguesia selecionada e numa breve entrevista de alguns dos seus habitantes mais idosos, mas antes num trabalho de campo que requer método, rigor e persistência: note-se que as autoras tiveram que seguir pistas e testemunhos, confirmar *in loco* a informação recolhida, chegar a um determinado lugar e perceber os gestos e linguagens usadas para descrever manifestações e práticas da cultura popular, bem como apreciar em seu justo valor o papel das mentalidades e das crenças locais.

O livro que agora se apresenta convida, pois, a um passeio de etnobotânica pela freguesia da Fajã da Ovelha, conciliando etnicidade com biodiversidade. Pelo seu viés informativo, podemos aprender como essa comunidade usa os seus recursos naturais para conforto, assim como sobre a importância que os habitantes dão a cada uma das espécies vegetais com que estão familiarizados. Com este novo instrumento de conhecimento, está ao nosso alcance fazer exercícios interdisciplinares, cruzando a Geografia, a História Local, a Etnografia, a Linguística, a Antropologia, o Estudo do meio, a Ecologia, o Turismo e o Desenvolvimento local.

Num trabalho futuro e em paralelo a este projeto de investigação, seria interessante confrontar os dados patentes na separata «Plantas Medicinais Populares da Ilha da Madeira», de 1936, do farmacólogo Dr. Vicente de Gouveia<sup>2</sup> (1893-1949), nos textos do Visconde do Porto da Cruz (1890-1962) que versam sobre essa matéria, publicados entre 1928 e 1955, na monografia *Cousas da Madeira* (1ª ed. 1944, 2ª ed. revista e acrescentada, 1951) do folclorista Fernando de Aguiar<sup>3</sup> (1909-?), e nos catálogos de plantas que agora nos ocupam.

Veja-se, a título exemplificativo, a utilização medicinal da segurelha, espécie reputada sobretudo pelos seus usos culinários. Para Vicente de Gouveia, essa planta era conhecida nos idos dos anos 20 do século passado como «estimulante uterino, utilizável no trabalho do parto» (Gouveia, 1936: 18). Na sua compilação de estudos etnográficos intitulada *O Folclore Madeirense*, de 1955, o Visconde do Porto da Cruz apenas refere que era também usada como: «narcótico» (Porto da Cruz, 1955: 170). Na freguesia da Ilha, é ainda utilizada em «mezinha» para atenuar dores de dentes, problemas de obstipação, constipações e como regulador do período menstrual. (VV, 2006: 84). Na freguesia da Fajã da Ovelha, é usada em chás e infusões para apressar as contrações do parto, «tirar os frios», combater gripes, acalmar a tosse, livrar-se de lombrigas, aliviar dores de menstruação e após o parto (Freitas e Mateus, 2013: 149-150). Seria

---

<sup>2</sup> O Dr. Vicente Henriques de Gouveia era natural da freguesia de Câmara de Lobos. Foi assistente universitário do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental da Universidade de Coimbra. Depois de ter permanecido alguns anos em Coimbra, regressa à Madeira, onde é nomeado Diretor do Laboratório Distrital do Funchal. Publicou vários trabalhos em revistas da especialidade e jornais, tanto do continente como da Madeira. (Fonte: *Câmara de Lobos – Dicionário Corográfico*, edição eletrónica, Manuel Pedro Freitas)

<sup>3</sup> V. a sua bibliografia relativa aos anos 1937-1951.

interessante que um farmacólogo comentasse esses usos ora restritos, ora amplos, e determinar até que ponto a substância ativa dessa essência é eficaz.

Não escondo que o que mais me aguçou a curiosidade foram os termos e expressões colocados entre aspas nos itens referentes aos «usos» e «observações». Para quem cultiva o fascínio por aquilo que as palavras representam, enquanto indício de memórias, origens e costumes, a aura de termos como «bujacões» ('furúnculos'), «cobranto» ('zona'), «cambeira» ('pisadela de bicho' ou 'chaga nas pernas'), «bábedas» ('nódoa avermelhada que se forma no corpo com a picada de insetos ou por alteração do sangue'), «infusões» ('planta macerada em aguardente vínica ou álcool), «perfumes» ('fumigações'), «banhos de assento», «bafos», «escalda-pés», «mal de 40 dias» ou «ares», constituem, só por si, um compêndio sobre a medicina rústica madeirense.

As autoras tiveram ainda a preocupação de registar expressões proverbiais em uso na referida freguesia, tais como «Chá de alfavaca, se não morrer, escapa», «Quem pela murta passou, o seu raminho não apanhou, da Nossa Senhora não se lembrou», «perdidos a barcos, perdidos a remos», e sobretudo um rol de curas, orações e crenças, indiciando o recurso que «mulheres de virtudes» fazem de substâncias, gestos ou palavras para obter mais saúde para as pessoas, desvendando um pouco do mundo, ainda bem presente entre nós, mesmo para aqueles que vivem em meio urbano, das curandeiras e rezadeiras.

Como já se percebeu, as plantas têm para o Homem, desde épocas remotas, diversos fins como medicinal, cosmética, tintorial, condimentar, ornamental e, não menos importante, simbólico. No imaginário ocidental, tornou-se consensual atribuir um significado às flores em prol de uma gramática do amor ou acreditar-se que dentes de alho espantam os maus espíritos. Talvez estivesse ao alcance do Secretário Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais, o Dr. Manuel António Rodrigues Correia – demonstrada a sua sensibilidade para a questão do património intangível na mensagem aduzida a cada volume desta coleção –, tomar medidas para promover a qualidade de vida dos madeirenses, incentivando a distribuição nas habitações de arruda, madre de louro, salva, alecrim e pimenta da terra, porque ora livram «do que não dá», ora tiram o «mal de inveja», ora afastam «o mau-olhado». Imagine-se quão bom seria vivermos sem essas más influências!

Em todo o caso, com mais esta iniciativa editorial, recupera a Região Autónoma da Madeira memórias antigas, algumas quase esquecidas, ganhando em sabedoria e em ensinamentos do passado. As novas gerações têm agora mais uma pedra de toque para apurarem o seu conhecimento da vida na Ilha. Encontrarão nela, com certeza, um precioso instrumento de observação e reflexão.

Em suma, se me fosse concedido fazer uso de um poder especial, não hesitaria em deitar um «bom olhar» neste projeto e nesta iniciativa editorial, fazendo votos para que o próximo volume desta coleção, sob a direção experiente de Fátima de Freitas e de Maria da Graça Mateus, venha em breve a lume.